

MARGUERITE PORETE E A MORTE COMO REENCONTRO DE SI

DINIZ, Janaina Oliveira¹
SILVA, Adelino Pereira da²
COSTA, Pedro Claudemir da Cruz³

Resumo: No seguinte trabalho realizar-se-á uma breve análise da obra *O Espelho das Almas simples e aniquiladas e que permanecem somente na vontade e no desejo do amor*, da escritora francesa Marguerite Porete (Sec. XIII), atuante do movimento místico no período medieval. A obra propõe a seu leitor um processo de purificação que tem como finalidade o encontro com Deus. Este caminho está dividido em dois momentos: as três mortes da alma, que representam o abandono das vontades e o esvaziamento de si mesmo; e os sete graus, que estão interligados às mortes. Juntos eles compõem a aniquilação da alma, que além de purificar, recoloca-a em seu lugar de origem, sendo essa composição a *morte mística*. É com base no processo que tece o aniquilamento, que no presente trabalho se pensará acerca da morte por meio de uma perspectiva poretiana da mesma, em que a morte é compreendida não como o fim, mas a continuidade da vida fundamentada em sua verdadeira natureza. Para melhor entender a questão da morte em Marguerite Porete é fundamental refletir o caminho do aniquilamento, ressaltando que este só é possível por meio das três mortes e dos sete graus da alma, devido a isso, a análise realizada tem o intuito de descrever a jornada de purificação, com ênfase no sexto e sétimo grau, compreendendo o sexto grau como o reconhecimento humano de sua verdadeira essência e o sétimo como o retorno definitivo para a essência primeira, onde existirá, segundo Marguerite, a partir dos dois graus acima citados uma fusão entre criatura e criador, transformando a *Alma* no ser que era antes de vir a existir em sua vida carnal.

Palavras-chave: Morte mística. Aniquilamento. Marguerite Porete.

1 INTRODUÇÃO

O seguinte trabalho tem como objetivo analisar a temática da morte na obra *O Espelho das Almas Simples e aniquiladas e que permanecem somente na vontade e no desejo do Amor*, da autora francesa Marguerite Porete, situada no século XIII. Nascida no Condado de Hainaut, na cidade de Valenciennes, Porete é considerada um dos grandes nomes da mística medieval que tem como desígnio a união do homem com a divindade, o tornar-se *Uno* com Deus. Segundo OLIVEIRA (2011, p. 60), na tradução grega “o advérbio *mystikôs*, [...] traduz-se por “secretamente”, na

¹ Graduada em Filosofia pela Universidade Estadual da Paraíba e graduanda em Letras (Português) pela mesma instituição. E-mail: oliveruepb@gmail.com

² Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal da Paraíba. E-mail: ade.lino@yahoo.com

³ Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: pedrocosta.uepb@gmail.com

antiguidade, pertence ao vocabulário dos mistérios. [...] *mystikôs* deriva de *myo*, que, em sentido próprio, significa “se fechar” [...]. Esse fechar-se se refere a toda e qualquer abertura que o corpo possa ter: “olhos”, “lábios”. Na mística cristã, podemos compreender esse “fechar-se” como um abandono e o esvaziar-se das coisas externas, não lhes restando mais nada, mas tornando-se um só, retornando ao princípio de tudo: Deus.

A mística em sua maioria era composta por mulheres, que segundo TEIXEIRA (2008, p. 18), eram “[...] mulheres que não conseguiram ingressar na vida religiosa acabaram agrupando-se em comunidades pias, ganhando o reconhecimento de beguinias, em torno do ano de 1230”. As beguinias eram mulheres intelectuais, independentes economicamente e sem relações com a Igreja Católica. Foi essa falta de vínculo com a instituição que fez com que tais mulheres fossem perseguidas e condenadas a fogueira por heresia, sendo este o caso de Marguerite Porete.

Mulheres que falam. A transgressão que representa este ato não reside propriamente no falar. As **vozes que sonham** no interior dos espaços privados, femininos, não são transgressoras em si mesmas. A transgressão está em serem ouvidas. É o falar em público o que irrompe como perversão no cenário da baixa Idade Média. A quem falam? Falam nos conventos e nas beguinarias, nas praças e nas pontes, discutem e falam entre si. Porém, o forte impulso transgressor das vozes femininas no século XIII se encontra em que **falam para todos em voz alta**. Certamente que a prática da mediação feminina, ou seja, a existência de um ensino feminino em círculos de mulheres é um fato importante, novo não tanto por sua existência como por transcender os limites do convento e propor-se tacitamente como paralelo ou substituto da mediação masculina (GARI e WOLFF *apud* ALMEIDA, 2011, p.11).

O falar feminino em uma sociedade misógina não poderia ser ignorado pelo clérigo, tão pouco sua ousadia em direcionar-se a Deus, por esse motivo em 31 de maio de 1310, Marguerite Porete foi condenada pela inquisição e queimada juntamente com o seu livro, *Le Mirouer des Simples Ames*. O seu livro é estruturado em forma de diálogo que contem personagens primários e secundários. Dentre os personagens centrais encontra-se a *Razão*, a *Alma*, compreendida como denominação da própria Porete e a *Dama Amor*, representação da divindade cristã. Entre os personagens secundários podemos identificar a Santa Igreja, a grande; a Santa Igreja, a Pequena; o Temor; a Fé; as Virtudes e outros. A obra ainda contem metáforas, assim como a do *espelho* expressa logo em seu título que será a representatividade da “semelhança” entre a alma e o divino. Escrita com base no

francês antigo e na literatura Cortez, *Le Mirouer* é um livro que transita por diferentes áreas do conhecimento, assim como a teologia, a filosofia e a literatura, permitindo uma rica análise da mesma, e uma leque de interpretações referentes à temática da morte.

A perspectiva poretiana sobre a morte é baseada no aniquilamento da alma, considerado, por Marguerite, o caminho purificador que a levará a morte mística e unificação com divino, permitindo-a assim, retornar para a sua verdadeira natureza. A aniquilação é cumprida com base em dois momentos: os sete graus da alma e os três tipos de mortes, que são fundamentais para um melhor entendimento da problemática poretiana sobre a questão da morte como continuidade e retorno a preexistência. Devido a tais questões que rodeiam a morte é pretendido então, percorrer o caminho realizado pelo personagem Alma, o descrevendo com ênfase na morte mística, no sexto e sétimo grau para melhor compreender o conhecimento obtido pelo personagem ao fim do processo de aniquilação.

2 MORTE MÍSTICA: A PERSPECTIVA PORETIANA

A morte é uma temática recorrente no livro *O Espelho das Almas Simples e aniquiladas e que permanecem somente na vontade e no desejo do Amor*, sendo compreendida como unificação da Alma com Deus, e denominada por Porete de Morte Mística. Com base na concepção de morte mística, acredita-se na morte como reencontro com a essência primeira, sendo a mesma não o fim, mas a continuidade daquilo que era a alma antes de vir a existir neste mundo. Cabe aqui ressaltar a importância do aniquilamento como processo de purificação e caminho de autoconhecimento, pois o mesmo é a jornada e a finalidade, a morte mística.

As mortes e os graus da Alma estão interligados e compõem o estado de unificação entre o humano e o divino, sendo as mortes divididas em três e os graus em sete. A primeira Marguerite define de *morte do pecado* que fará referência a vida contemplativa, é onde tal alma “deve morrer inteiramente de [...] maneira que não permaneça nela nem cor, nem sabor, nem odor de coisa alguma do que Deus proíbe na lei” (PORETE, 2008, p. 113). A segunda morte é referente à natureza humana, aqui, como na primeira, a alma é guiada pela “razão” e segue sem compreender os desígnios de Deus e suas próprias ações, agindo somente pela vontade divina, entretanto *a morte da natureza* exige o abandono dos bens materiais, dos prazeres

e das honrarias, buscando somente a vida simples, que Marguerite definirá como vida humilde e “que em coisa alguma age errado e sabe que não tem direito a coisa alguma” (PORETE, 2008. p.88). Com o reconhecimento da humildade a Alma caminha para o esvaziamento do Eu, onde viverá inteiramente a vida do espírito, extirpando seus desejos para aproximar-se do estado de morte mística. A morte da natureza será definida também por “vida triste” e “vida do espírito”, onde Marguerite deixa uma mensagem para os tristes:

[...] queria ainda dizer aos que são tristes que aquele que se mantiver na paz e realizar perfeitamente a vontade do ardor do desejo, cortando a obra de seu espírito, assim como já disse, regulando seus sentidos tão estritamente que eles não funcionam mais por deliberações que estão fora da vontade do espírito, este obterá como herdeiro legítimo, maior proximidade com este estado do qual falamos. (PORETE, 2008, p. 139).

Na morte da natureza, a Alma viverá com todo o ardor a vontade do desejo até abandonar por completo as obras do espírito, como já mencionado. A segunda morte para PORETE (2008, p. 139) é representada então pela vida do espírito, sendo ela a “serva mesquinha que prepara o abrigo para a chegada do grande estado de Liberdade do Nada Querer, pelo qual a Alma é satisfeita em todos os pontos [...]”. Esse nada querer permite com que a Alma tenha tudo, é uma espécie de via negativa. Ainda nessa segunda morte a Alma segue acompanhada pelos intermediários entre ela e Amor/Deus, dentre eles, estão às virtudes, que nesse momento é fundamental para a aproximação com a divindade, porém é importante compreender que elas são necessárias até determinado momento, depois disso a Alma deve abandoná-las. O abandono das virtudes pela Alma é necessário, pois, tal Alma só deve obedecer a Deus, e se continuar a seguir com as virtudes essa Alma passaria a servi-las e não o contrário. Contudo, o abandono das virtudes se dá por meio da Alma, agora as virtudes servem à Alma e não o contrário. Segundo PORETE:

[...] É bem verdade que essas Almas abandonaram as Virtudes, no que diz respeito à sua prática. Contudo, as Virtudes não as abandonaram, pois estão sempre com elas, mas em perfeita obediência a elas. Por meio deste entendimento, a Alma deixa as Virtudes e elas estão sempre com ela. Pois se um homem serve a um mestre, ele é daquele a quem serve, mas o mestre não lhe pertence (PORETE, 2008, p. 64).

O abandono das virtudes é representado por meio de sua prática natural, não é que tal Alma deixará de ser virtuosa, mas sim, será essencialmente virtuosa

pela vontade divina, passando tais virtudes a ser as que servem e não o contrario. É possível entender que as mortes do pecado e da natureza estão ligadas diretamente aos quatro primeiros graus da alma. O primeiro grau é possível apontar sua relação com a morte do pecado e pode ser representada pelo chamado divino a “vida da graça”. Nesse momento inicial a Alma deseja conhecer os mandamentos de Deus, observando e considerando, “com grande respeito, o que Deus lhe ordenou, amá-lo com todo o seu coração, e também o seu próximo como a si mesma” (PORETE, 2008, p.188). Sobre o segundo grau Marguerite diz:

[...] a criatura se abandona e se esforça por agir sob todos os conselhos dos homens, na obra de mortificação da natureza, desprezando as riquezas, as delicias e as honras, para realizar a perfeição do conselho do Evangelho, do qual Jesus Cristo é exemplo. Portanto, ela não teme a perda do que possui, nem a palavra das pessoas, nem a fraqueza do corpo, pois seu Amado não as teme e a Alma tomada por Ele também não as pode temer (PORETE, 2008, p. 189).

O segundo estágio é refletido por meio da morte da natureza, onde as horarias e os desejos devem ser deixados para que possa reconhecer os conselhos divinos, abandonando “os conselhos humanos” (intermediários). Aqui, no terceiro grau a Alma ainda segue com base nos intermediários, fazendo-se necessário buscar a “mortificação da natureza”, seguindo sua relação com a segunda morte. Para Marguerite:

O terceiro estado é aquele no qual a Alma se considera no sentimento do amor da obra de perfeição, no qual seu espírito decide, por um desejo borbulhante de amor, multiplicar nela tais obras. Isso acontece pela sutileza da compreensão do entendimento de seu amor, que não sabe como oferecer a seu Amado, para reconfortá-lo, nada que não seja o que Ele ama. Pois no amor não é valorizado outro dom, senão o de dar ao amado a coisa mais amada (PORETE, 2008, p. 189).

No terceiro estágio a Alma segue com suas vontades mundanas, desejando o seu amado e as praticas das obras caridosas, nas quais seria, nesse momento, a maneira mais adequada de demonstrar ao seu Amado toda a sua amor. O terceiro estágio é regido ainda pela morte da natureza, essa que também está ligada ao quarto grau da Alma. Nesse estágio a Alma tem que negar a sua própria natureza e abandonar tudo o que for externo a ela, extinguindo suas vontades de maneira definitiva, para que somente a vontade divina permaneça nela. A relação do quarto grau se dá entre o trânsito com a segunda e o inicio da terceira morte, que é a morte

da vontade. Analisado os primeiros graus da Alma, resta agora, apontar a terceira morte e sua relação com o sexto e sétimo grau.

A morte da vontade que assim é definida por Marguerite Porete, está relacionada diretamente ao esvaziamento dos próprios desejos, aqui a *Alma* deve despojar-se totalmente de si, abandonando sua natureza humana e seguindo somente a vontade Divina, que a conduzirá em sua jornada de purificação e reencontro com a essência primeira: Deus. Com base nisto, a morte da vontade encontra sua relação no sexto grau que é a elevação do estado de morte mística, somente assim é possível unir-se a Deus. Para SCHWARTZ:

Se a alma permanece com sua vontade, ela se volta para as coisas criadas e, conseqüentemente, sua habilidade e seu intelecto ficam limitados. O intelecto, gerado pela habilidade e controlado pela vontade, só fornece o conhecimento permitido pela vontade. [...] À medida que a vontade permanece no mundo criatural das coisas, o intelecto estará limitado a esse mundo e, portanto, o conhecimento será um tipo particular. A alma deve devolver sua vontade a Deus livremente para atingir o estado de perfeição espiritual. Ela deve se esvaziar, se tornar um verdadeiro nada que pode ser preenchido apenas pela vontade e pela compreensão divina (2005, p. 256-257).

A morte da vontade que é reflexo do sexto grau e alusão ao sétimo, exige do personagem alma o total abandono das coisas mundanas, que a impedem de transcender até o inefável. A maneira como a Alma deixa-se envolver com suas vontades tornam as possibilidades do conhecimento limitadas, compreendendo apenas o particular e desprezando a natureza divina, faz-se preciso então, negar o seu Eu “humano” para atingir o estágio de existência primeira proporcionada pelo aniquilamento/morte mística que ocorre no sexto grau.

O sexto grau é o ultimo antes do desfalecimento do corpo, mas para que seja possível compreendê-lo de maneira clara, faz-se preciso ressaltar o quinto estágio. Após a morte da vontade a alma caminha em direção ao quinto degrau pela misericórdia divina, a jornada a ser seguida conduz o personagem alma em direção ao nada ser, a um abismo profundo de si mesma, onde irá cair até a sua purificação e fusão com Deus. De acordo com SCHWARTZ:

Esse estágio é o lugar mais baixo, um abismo de pobreza e humildade ou simplesmente um “vale”. Em sua essência, a alma deve atingir o fundo antes de ascender. Dessa maneira, ela retorna a seu estado original, sem reter nada de si, e passa a realizar a perfeita vontade divina (SCHWARTZ, 2005, p. 224).

O quinto “degrau” antecede o estado de morte mística que ocorre no sexto grau, sendo ele o fio condutor para o abismo do nada querer, para um estado de completa humildade perante o criador. É importante observar que a simbologia do *nada querer* faz referência a um cair no abismo para que então, haja a elevação da Alma. Segundo PORETE:

Agora essa Alma descansa nas profundezas, onde não há mais fundo, e por isso é profundo. Essa profundidade lhe faz ver muito claramente o verdadeiro Sol da altíssima bondade, pois ela não tem nada que lhe impeça essa visão. A Bondade divina se mostra a ela por bondade e a atrai, transforma e une pela conjunção da bondade, na pura Bondade divina, a qual é a senhora. A compreensão dessas duas naturezas das quais falamos, a Bondade divina e a maldade (da Alma) é o instrumento que lhe deu essa bondade. Por isso ela deseja somente um [...]. A Misericórdia fez as pazes com a firme Justiça, transformando tal Alma em sua bondade. Agora ela é tudo e, assim, não é nada, pois seu Bem-Amado a fez una (2008, p. 193).

O quinto grau que é o nível mais baixo que o personagem Alma pode atingir; é nessa condição de queda, que a alma reconhecerá como sua existência humana é insignificante diante de toda a grandeza do infinito/Deus. Ao cair no abismo a Alma ascende para o sexto estágio, caindo das “virtudes no amor e do amor na aniquilação e na liberdade” (SCHWARTZ, 2005, p.224). Ainda sobre o abismo, é importante ressaltar que sua utilização é feita de maneira metafórica para demonstrar o vazio que passa a existir dentro da Alma após sua passagem pelos estágios que antecedem a morte mística, o mesmo é a representatividade do lugar para o qual a Alma irá atingir no plano transcendental, o nada: Deus. Atingindo o nada querer a Alma ascende para o sexto degrau, chegando ao estado de morte mística. Segundo PORETE:

O sexto estado é aquele no qual a Alma não se vê mais, qualquer que seja o abismo de humildade que tenha em si; nem vê Deus, qualquer que seja a altíssima bondade que Ele tenha. Mas Deus se vê nela por sua majestade divina, que, por si, clarifica essa Alma de tal forma que ela não vê nada que não seja Deus mesmo, Aquele Que É, no qual todas as coisas são. E esse que é, é Deus mesmo. Por isso, ela não vê senão a si mesma, pois quem vê Aquele Que É, não vê senão Deus mesmo, que se vê nessa Alma mesma por sua majestade divina (2008, p. 193-194).

O sexto grau é o esvaziamento total da consciência humana, a Alma não enxerga-se mais, vê tão somente a Deus e Ele se vê nela, pois a mesma abandonou sua consciência humana e transformou-se em natureza divina, sendo agora o reflexo da vontade divina e a imagem do próprio Deus. Para MARIANI:

O sexto grau consiste no despojar-se da imagem (humana) e no revestir a imagem da eternidade divina, pelo esquecimento total e perfeito da vida transitória e temporal, de tal modo que, feito filho de Deus, e atraído por Deus, o homem se trasmude em imagem de Deus (2008, p. 140).

No sexto estágio a Alma reconhece sua verdadeira imagem, transmutando-se em espelho de Deus e compreendendo que tudo o que ela tem vai além da vida “temporal”. Ao atingir tamanha compreensão a Alma morre para o mundo e esvazia-se completamente de sua natureza humana, a Trindade passa a habitar nela, a esse “[...] estado lhe dá o ser, sem que ela saiba, nem sinta, nem queira qualquer estado, exceto somente o disposto por Deus” (PORETE, 2008, p. 93).

O estado de morte mística que ocorre no sexto grau é representado pelo abismo, como já fora dito, ele expressa o caminho percorrido pela Alma demonstrando a ela sua limitação e como, mesmo diante de sua pequenez, a mesma pode alcançar a dimensão divina. A alma chega ao mais elevado nível possível de se alcançar em vida, onde se encontra coberta com o manto da humildade, tornando-se *Alma Simples e aniquilada*. O aniquilamento é por fim concretizado, e o processo de unificação entre Alma e divino realizado, depois disso a mesma passa a ter tudo o que Deus tem, por meio da promessa do *Espirito Santo*:

Espirito Santo: - [...] darei a essa Alma tudo o que tenho [...]. Pois assim lhe foi prometido por toda a Trindade, tudo o que temos, e concedido por sua bondade no conhecimento de sua sabedoria sem começo. E assim é certo que não retenhamos dessas Almas qualquer coisa que tenhamos (PORETE, 2008, p. 92).

Atingido o sexto grau a Alma recebe do *Espirito Santo* tudo que lhe foi prometido muito antes da mesma tomar consciência da sua existência humana, no lugar de sua preexistência. Devido à percepção que se tem da divindade, a compreendemos como eterna, sendo possível apontar que, se é dado a essa Alma tudo o que Deus tem, e se o mesmo é infinito, o processo de purificação que ocorre por meio do aniquilamento, dará a ela a infinitude. De acordo com PORETE:

[...] porque essa Alma tem tudo. Tudo o que tenho do Pai e do Filho. E como ela tem tudo o que tenho, diz Espirito Santo, e o Pai e o filho não têm nada que eu não tenha em mim, diz Amor, conseqüentemente essa Alma tem em si o tesouro da Trindade, oculto e encerrado dentro dela (2008, p. 91).

Cabe-nos ressaltar ainda sobre o sexto grau/morte mística, que a Alma após realizar sua purificação retorna para o quinto estágio como reflexo divino, a mesma encontra-se em um estado de êxtase abundante, no mais puro nada, onde será definido como *Longeperto*. O [...] Longeperto que é descrito em *O espelho* como superabundante e arrebatador “[...] é chamado de centelha pela forma de abertura e rápido fechamento” (NOGUEIRA, 2013, p.168). Sobre o que seria esse Longeperto, dirá PORETE:

[...] ninguém me pergunte quem é esse Longeperto, e quais são as obras que Ele realiza e suas operações quando mostra a glória da Alma, pois não se pode dizer nada, exceto isso: que o Longeperto é a própria Trindade, e lhe mostra suas manifestações, que nós chamamos de “movimento”, não porque a Alma ou a Trindade se movam, mas porque a Trindade opera para essa alma a manifestação da própria glória. Sobre isso ninguém pode falar, exceto a própria Deidade [...] (PORETE, 2008, p. 116).

O Longeperto por ser a própria Trindade é também a definição do encontro que ocorre no sexto grau e a representatividade contida no sétimo por meio do movimento existente entre as etapas do aniquilamento, como será possível observar mais adiante, logo depois da reflexão acerca da morte mística. Após o sexto grau e retorno para o quinto estágio, a Alma inebriada pela glória divina permanece nele até o momento do seu reencontro com Deus, que ocorrerá não mais no estado de morte mística, mas sim na vida de glória eterna, quando por fim, tal Alma desencarnar de seu corpo material, ocorrendo assim, o processo natural da vida humana, a morte, definida por Marguerite de sétimo grau da Alma.

Segundo PORETE (2008, p. 194) “quanto ao sétimo estado, Amor o guarda em si para nos dar na glória eterna, e dele não teremos compreensão até que nossa alma tenha deixado nosso corpo”. O último grau só é possível identificar depois de toda a alusão realizada ao processo de unificação da Alma por meio do aniquilamento, sem que seja possível descrevê-lo, no entanto, tal Alma o sabe e o sente por meio do que foi dito e realizado na jornada de aniquilação:

[...] há sete estados, cada um com maior entendimento em relação ao anterior e sem comparação um com o outro. Pois assim como não se pode comparar uma gota d’água ao oceano, que é tão vasto, da mesma forma se pode falar da diferença entre o primeiro estado de graça e o segundo e assim por diante, sem comparação entre eles. Ainda assim, dos quatro primeiros estágios nenhum é tão elevado que a Alma não viva nele em grande servidão. Mas o quinto estágio está na liberdade da caridade, pois é liberado de todas as coisas. E o sexto estágio é glorioso, pois a abertura do doce movimento da glória, que o gentil Longeperto dá, não é senão uma

manifestação que Deus quer que a Alma tenha de sua própria glória, que ela terá para sempre. (PORETE, 2008, 115).

Marguerite, ao longo do livro descreve todo o processo de aniquilação da Alma, as três mortes e os graus da Alma, com exceção do sétimo estágio. Entretanto, existe um movimento cíclico que conduz cada etapa do aniquilamento, sendo possível por meio do caminho percorrido antes do sétimo grau compreendê-lo de maneira superficial, pois durante toda a obra, Porete esclarece que tudo que venha, a saber, e sentir, é nada diante de tamanha grandeza divina. Com isso o que fica subtendido sobre o último estágio da Alma é por meio de alusões feitas dos estágios anteriores, sendo verificado e compreendido de maneira cíclica, como já fora dita anteriormente. Por meio disso, o sétimo estágio é então percebido com base no sexto, esse ao seu anterior e assim, por conseguinte.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do trabalho foi descrito parte da obra *O Espelho das Almas Simples e aniquiladas e que permanecem somente na vontade e no desejo do Amor* da autora francesa Marguerite Porete. Dentre as vastas possibilidades de análise das temáticas existentes no manuscrito, foi-se verificada a perspectiva poretiana sobre a morte como continuidade, fundamentada no reconhecimento da verdadeira natureza.

Para uma melhor compreensão da temática abordada foi necessário descrever todo o processo de aniquilamento que se divide nas mortes do pecado, do espírito/natureza e na morte da vontade, assim também como os sete graus da Alma. Foi enfatizada então, a morte da vontade, onde estariam completos os ciclos de mortes realizadas no plano “concreto”, assim como o estágio cinco, que se transforma no sexto e o estágio sete, que é reflexo do anterior. Realizada todas as reflexões acerca do caminho que tece o aniquilamento, foi possível compreender o posicionamento da autora no que diz respeito à morte.

Para Porete o caminho que conduz a Alma ao encontro/reencontro com Deus é definido por aniquilamento, e tem como intuito agir de maneira a purificar o personagem Alma, para que a mesma esteja abita ao processo de fusão com o divino; ainda sobre o aniquilamento é importante ressaltar, que o mesmo ocorre com base em um movimento cíclico, interligando todas as etapas:

(*Amor*): - Inicialmente essa Alma realizou sua conquista por meio da vida de graça, graça nascida da morte do pecado. Depois, diz Amor, ela realizou sua conquista por meio da vida do espírito, que nasceu da morte da natureza. E agora, ela vive a vida divina, nascida da morte do espírito (PORETE, 2008, p.1120).

As falas de Porete acima citadas, demonstram como cada etapa do processo de aniquilação segue a outra, tornando-se interligadas, sendo possível compreendê-las como reflexo do estágio anterior. O aniquilamento, além de ser a motivação para que a Alma percorra sua jornada de peregrinação, é também o próprio caminho. Caminho esse que conduz a Alma para algo novo, ou porque não dizer retorno do que era essa Alma em algum momento no tempo ou até mesmo antes dele. Isso é passivo de identificar quando Porete nos diz que o sexto grau irá “demonstrar” por meio da morte mística o sétimo estágio da Alma, e que o reflexo executado pelo sexto estágio demonstra que o mesmo “nasce do sétimo estágio que produz o sexto” (PORETE, 2008, p. 115).

Ainda com base no ciclo que rodeia a problemática da morte, é possível apontar o aniquilamento como o próprio estado de morte mística, pois ao atingir o sexto grau a alma encontra-se aniquilada e esvaziada de sua natureza humana. Ao encontra-se diante do vazio, tal Alma é preenchida com base na centelha divina, que é a unificação da mesma com a divindade. O esvaziamento ocorre no plano transcendental, representado na obra pelo abismo, o mesmo é também definido por aniquilação da alma, estado que permite o preenchimento da personagem com a natureza divina.

Por fim, compreende-se que a obra de Marguerite Porete é um reflexo de seu tempo e que a mesma condenada pela inquisição como herética, demonstra uma posição contrária da qual foi acusada. Acredita-se aqui, que Marguerite crê que a verdadeira essência é a divina, e que devido a uma falha/erro se faz preciso um processo de purificação para que então, a Alma possa retornar para o seu lugar de origem, sendo este não a direita de Deus pai, mas o tornar-se aquilo que era antes de vir a existir nesse mundo, a alma retorna e torna-se novamente essência primeira. Diante das descrições realizadas compreende-se que o aniquilamento é a força motriz que conduz a alma ao processo de encontro/reencontro com Deus e também é por meio dele que a alma reconhece sua real natureza, o aniquilamento guia um processo de reflexão sobre o modo de vida, sobre o conhecimento de si

mesmo e sobre como tais coisas conduzem essa Alma ao plano transcendental, primeiramente em vida, por meio da morte mística e depois com base no sétimo grau, que é o retorno a sua preexistência.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rute Salviano. *Uma voz feminina calada pela inquisição: A religiosidade no final da idade média, as beguinas e Margarida Porete*. São Paulo: Hagnos, 2012

MARIANI, Ceci Maria Costa Baptista. *Marguerite Porete, teóloga do século XIII: Experiência mística e teologia dogmática em O Espelho das Almas Simples de Marguerite Porete*. Tese (Doutorado) – Curso de Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

NOGUEIRA, Maria Simone Marinho. *A escrita feminina medieval: mística, paixão e transgressão*. In: *Mirabilia*, 17, 2013/2, p. 153-173. Disponível em: <http://www.revistamirabilia.com/issues/mirabilia-17-2013-2>. Acesso: 23 set. 2018.

OLIVEIRA, Loraine. *Considerações sobre o uso adequado do termo “mística” na filosofia de Plotino*. In: *Perspectiva filosófica*, v. 1, n. 35, jan-jun, 2011.

PORETE, Marguerite. *O Espelho das Almas Simples e aniquiladas e que permanecem somente na vontade e no desejo do Amor*. Tradução e notas de Silvia Schwartz. Petrópolis: Vozes, 2008.

SCHWRTZ, Silvia. *A béguine e al-Shaykh: Um estudo comparativo da aniquilação mística em Marguerite Porete e Ibn’ Arabi*. Tese (Doutorado) – Curso e Ciências da Religião, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2005.

TEIXEIRA, Faustino. *Apresentação de O espelho*. In: *O espelho das almas simples e aniquiladas e que permanecem somente na vontade e no desejo do amor*, Petrópolis: Vozes, 2008, p. 17-29.